

VAMOS JOGAR MAIS COM A CABEÇA,

F ALEI, na semana passada, de um livro — “Drama e Glória dos Bicampeões”, escrito pelo acreano Armando Nogueira e pelo amazonense Araujo Netto — que, ao sair esta crônica, já deverá estar nas livrarias. Seria bom que outros jornalistas, ou especializados ou intronetidos competentes, como Jacinto de Thormes, Hélio Fernandes e Sérgio Pôrto, também refundissem e ampliassem suas crônicas em livro para o documentário dessa campanha, para nos ajudar a reviver “por dentro” a luta que nós todos vivemos na bôca do rádio ou na emoção requeentada mas diferente do vídeo-tape.

Sim, Garrincha também tem nervos — Armando Nogueira, meu velho companheiro de pescarias no Acre, revela isso. Ele viu, minutos antes do jôgo: o indicador e o médio de Garrincha estavam amarelos, denunciando os cigarros excessivos que êle estivera fumando escondido.

— Você está com os dedos amarelos, Garrincha.

— Está querendo me pôr nervoso? Está querendo me pôr nervoso?

E estava nervosíssimo; suas pernas tremiam. Só a posse da bola iria reintegrar o jogador na sua extraordinária maestria, até sua explosão de temperamento no lance em que foi expulso. Não, o nosso Mané não deu nenhum pon-

tapé covarde, para aleijar o chileno. Se êste caiu foi de fita. O que o bom Garrincha fêz, depois de levar mil patadas, foi libertar seu impulso de dar um pontapé na traseira de seu “João” — um gesto de desprezo e não de vingança. E ao sair de campo, em lugar de ir diretamente para o vestiário, se enganou e deu uma volta completa ao estádio, uma absurda “volta olímpica”, até que lhe acertaram uma pedrada. Nilton Santos depois zombou dêle:

— Você é um bobalhão mesmo, não tem prática nenhuma de ser expulso de campo. Zizinho não esquecia o caminho do vestiário, mas ia em zigue-zague; ninguém acertava garrafa nem pedra nêle...

São essas pequenas histórias que enchem o livro. A febre de Pelé na véspera do jôgo em que iria tombar, em que sabia que iria tombar, nervos e músculos arrebatados pelo número absurdo de jogos que o fizeram jogar em um ano, pela glorificação tremenda que o afogou de responsabilidades monstruosas. Essas pequenas histórias encerram lições que não são apenas úteis para planejar a campanha de 1966 em Londres mas também nos revelam um pouco da intimidade da alma do brasileiro em um momento de grande tensão. O brasileiro, êsse povo que está aprendendo a jogar com a cabeça, que precisa jogar mais com a cabeça — e não só dentro como fora de seus campos de futebol.